

FONTE : D.S. PauloCLASS. : Yanomami 1651DATA : 29 03 90PG. : 07

# Ingleses fazem campanha para salvar os yanomami

Um abaixo-assinado, com mais de 18 mil assinaturas de 18 países, apoiando o povo Yanomami, foi entregue à embaixada brasileira em Londres no último dia 23. O documento apela ao novo presidente da República, Fernando Collor de Mello, que retire os 40 mil garimpeiros que trouxeram a morte, a doença e o devastamento aos índios de Roraima, e que assegure a demarcação do território Yanomami e assistência médica à população.

A ação faz parte de uma campanha organizada por várias entidades britânicas, sobretudo as agências católicas CIIR (Instituto Católico para as Relações Internacionais) e Cafod (Fundo Católico para o Desenvolvimento Exterior), a agência oficial da Igreja Católica inglesa. A delegação que entregou o abaixo-assinado ao conselheiro Renan Barreto, especialista da embaixada para assuntos ambientais, foi chefiada por dom John Crowley, bispo católico para a zona central de Londres e presidente do comitê executivo do Cafod.

O abaixo assinado, apoiado também pelo Survival International e pelo grupo de solidariedade Rede Brasil, é uma resposta aos apelos dos líderes Yanomami, assim como de entidades brasileiras como o Cimi e do bispo de Roraima, dom Aldo Mongiano, que visitou Londres há dois anos. O documento leva assinaturas provenientes de 10 países europeus e também da Austrália, Canadá, Colômbia, Filipinas, México, Sri Lanka, Zimbabwe e do Brasil.

No Parlamento britânico, 171 deputados já assinaram uma moção pedindo garantias à vida e às terras dos Yanomami. Quando da visita de Fernando Collor a Londres, em dezembro, a situação dos Yanomami foi questionada

pela primeira-ministra Margaret Thatcher, por outros ministros e pelo príncipe Charles, defensor conhecido de causas ambientais. Na semana passada, na Bélgica, representantes da agência católica Broederlijk Delen e dois parlamentares discutiram a situação dos Yanomami com o embaixador do Brasil na Bélgica.

## Defesa dos garimpeiros

No sábado 24 o presidente Fernando Collor de Mello fez uma visita a Roraima, faixa fronteiriça pertencente ao Projeto Calha Norte. Collor disse em Boa Vista que ordenará os garimpos do Estado e defendeu os garimpeiros, chamando-os de "pessoas que se sacrificam para retirar da terra o pão de cada dia". Collor aproveitou a viagem para conhecer uma aldeia Yanomami, lembrando que "não podemos tratar o problema dos índios sem conhecê-lo mais de perto".

Collor de Mello prometeu, na viagem, que transformará o Projeto Calha Norte em programa de governo. O presidente recebeu do presidente interino da Funai (Fundação Nacional do Índio) um documento com críticas ao projeto de militarização das áreas de fronteira na Amazônia, criado em 1985. Segundo o relatório, "com o Projeto Calha Norte a Funai ficou a reboque do processo, ao invés de participar do empreendimento em condições de igualdade, uma vez que a fronteira está em território indígena e compete à Funai a tutela e a defesa dos interesses indígenas" (sic). Por causa do Calha Norte, sertanistas foram retirados do local, assim como padres e religiosos, acusados de perturbar a ordem.